

**A
VIOLINISTA**

Amostra

Harriet Constable

**A
VIOLINISTA**

Tradução
Carlos Bacci & Celine Migdalski



MORROBRANCO
EDITORA

A Violinista

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2024 KUBUNI LTD.

ISBN: 978-65-6099-037-1

Translated from original The Instrumentalist. Copyright © 2024 by Kubuni Ltd. ISBN 9781526672568; This translation is published and sold by arrangement with Bloomsbury Publishing Plc., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Angela Giordani / CRB 9-1262 / Curitiba, PR, Brasil)

C757 Constable, Harriet.
A violinista / Harriet Constable; tradução Carlos Bacci e Celine Migdalski. – Rio de Janeiro : Morro Branco, 2026.
320 p. 13,5 x 21 cm.

Título original: The Instrumentalist.
ISBN 978-65-6099-037-1

1. Ficção inglesa. 2. Della Pietá, Anna Maria - Ficção. 3. Vivaldi, Antonio, 1678-1741 - Ficção. 4. Mulheres musicistas - Veneza (Itália). 5. Orfãos - Veneza (Itália). I. Bacci, Carlos. II. Migdalski, Celine. III. Título.

CDD 823

Índice para Catálogo Sistemático
1. Ficção inglesa : Literatura inglesa 823

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Coordenadora Editorial: Illysbelle Trajano
Produtora Editorial: Beatriz de Assis

Tradução: Carlos Bacci & Celine Migdalski
Copidesque: Helena Coutinho
Revisão: Denise Himpel
Diagramação: Fernando Ribeiro


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:

 **alair**
ASSOCIADO 

Para minha mãe e meu pai,
que me criaram com amor,
e me permitiram ser
destemida e curiosa.

Amostra

Muito do passado afunda no oceano do tempo e submerge para sempre; mas vez ou outra as águas se abrem, permitindo-nos vislumbrar rapidamente, mesmo que apenas por um momento, um tesouro escondido.

— Margaret Atwood, *Os testamentos*

Amostra

NOTA HISTÓRICA

Em 1696 um bebê foi deixado na janela instalada na parede do Ospedale della Pietà, um orfanato em Veneza. Ela foi chamada Anna Maria della Pietà e tornou-se uma das maiores violinistas do século XVIII. Seu professor foi Antonio Vivaldi.

Amostra

Amostra

UNE

Amostra

VENEZA 1695

A noitece, e o sino de Marangona toca na Piazza San Marco. As badaladas ecoam a partir da campânula de bronze, deslizam sobre o teto abobadado da Basílica, lambem os mariscos que revestem o canal encharcado de lama e insinuam-se por uma abertura entre o pavimento e uma porta de madeira. Atrás dela, uma garota parada em uma passagem estreita e mal iluminada olha para cima.

Para alguns, o sino indica a hora. Para outros, ele marca dias santos, reuniões eclesíásticas, execuções públicas. Mas, para ela, é um sinal de que ela e seus colegas de trabalho podem sair às ruas e aproveitar a noite. Agora é hora de tratar de negócios.

Ela enrola o cachecol amarelo em volta do pescoço, uma lã leve que denuncia seu ofício, e sai. Sua casa é um bordel no distrito de San Polo, escondido atrás da Rua Oresi, a principal via para viajantes e moradores que todos os dias cruzam a ponte para San Marco. Um local estratégico: é ali que o trabalho está.

O som dos seus saltos ecoa no calçamento enquanto ela se vira.

À esquerda, ao sair do bordel, à esquerda novamente na esquina onde o açougueiro vende miúdos e segue em frente até chegar ao seu lugar habitual, à beira da Ponte Rialto. Ela acena com a cabeça para uma mulher que chegou momentos antes e está se preparando. Então, dobra sua capa e cachecol e os coloca sobre as pedras embaixo da ponte. Existe um acordo tácito: *mantemos nossas coisas aqui, organizadas, enquanto trabalhamos.*

Ela está usando um vestido de linho verde de cintura alta. Uma fita foi trançada ao redor do decote profundo e quadrado. Seus dedos encontram a bainha e ela puxa os ombros do vestido para baixo até que seus seios estejam expostos ao luar, empoleira-se em um muro de alvenaria clara e espera pelo próximo cliente. Essa pessoa geralmente é do sexo masculino, geralmente está sozinha e muitas vezes recende a vinho.

Sentada ali seu coração bate forte, mas menos do que antes. Aos dezessete anos, ela sente que pode lidar com quase tudo. Três por dia, em média. Seis meses, quase seiscentos clientes. Ela batuca com o pé no ritmo que ouve em sua mente. Apenas mais uma noite de trabalho.

Ele não é um cliente regular. Homem, sim. Sozinho, sim. Mas ela nunca o viu antes. Ele parece ter uma profissão, ela não liga para isso, mas aparenta ser quarenta anos mais velho, com olhos tão escuros quanto o diabo.

— Vamos — ele diz, olhando por cima do ombro como se estivesse com medo de ser pego. Ele exala um cheiro de madeira queimada e tabaco. Sua voz é grave e baixa.

Ela o conduz de volta ao bordel, subindo as escadas de madeira que rangem sob o peso dele. Ele resmunga e se agacha para não bater a cabeça quando entram no quarto. O chapéu vermelho e o casaco com botões de latão sugerem um cargo na base naval. Ela ouviu dizer que, lá, eles conseguem construir um navio de guerra em um dia.

Há uma cama grande com colunas de madeira escura e algumas velas queimando até o toco. A sombra das chamas tremulam e estremece contra as paredes. Ela respira fundo, e a porta se fecha atrás dela.

Nove meses depois, sua barriga está inchada e retesada. Ela acorda antes do amanhecer porque uma dor, elétrica e impressionante, começou a pulsar através dela. Seguindo o que tinha planejado, ela junta seu cachecol amarelo emaranhado e enfia o tecido que estava bordando no bolso.

O primeiro desafio são as escadas. A dor lateja, incandescente. Há uma sensação quente e dilacerante em algum lugar profundo e baixo dentro dela, que retorce suas pernas enquanto ela se agarra ao corrimão de madeira lascada. Ela chega à rua, mas cai de joelhos segurando seu estômago. Ela vai chegar a tempo? Não é longe dali, mas em sua condição...

Você não pode parar, ela diz a si mesma. Você consegue, ela decide.

Ela se esforça para ficar em pé e continua descendo a rua, escorregando o corpo pelas paredes de tijolos em busca de apoio. Poças se dividem sob seus sapatos, os reflexos partindo-se em dois. A jornada é de apenas algumas

ruas, mas parece interminável. A dor é de tirar o fôlego, muito pior do que há quinze minutos.

Três batidas, alguns passos arrastados, e uma parteira, enrugada e grisalha, abre uma nesga da porta. Seus olhos batem na barriga, onde uma mão mais jovem agarra a pele esticada. O rosto da parteira muda da frustração para a preocupação. A porta se abre completamente.

— Coloque entre os dentes — diz a parteira, arrancando um osso das patas de seu pequeno cachorro preto e branco e entregando-o a ela.

O cachorro rosna. A moça também rosna. Ela morde o osso, sentindo-se um animal mais do que nunca antes. A dor se torna espetacular, um vermelho vivo, como se ela estivesse sendo dilacerada por dentro.

É seu último pensamento antes de desfalecer. Espetacular.

Dois dias se passaram na escuridão do pequeno quarto na casa da parteira. Longe de ser tempo suficiente para que seu corpo rasgado se recupere, mas a cama é necessária. Outra garota está gritando, agora.

— Hora de ir — diz a parteira.

— Mas, para onde? — a garota pergunta. Ela não esperava sobreviver ao parto.

A parteira devolve seu cachecol amarelo e ela fica surpresa ao encontrar dentro dele uma criatura se contorcendo. Tinha quase se esquecido disso. Está manchada, enrugada, com veias azuis. A parteira levanta uma colher e a alimenta pela última vez com gotas de água com açúcar. A garota luta com os membros que se debatem, incapaz de se concentrar, incapaz de pensar, até que seus olhos reviram na cabeça e a dor convulsiona em suas coxas. Lágrimas escorrem pelo seu rosto. A criatura grita enraivecida.

A garota anda por um tempo, movendo-se pelo labirinto de vielas e pontes sem muita direção. Ela está tão cansada, seu corpo ainda sangrando e em carne viva. Durante toda a noite ela lutou contra os gritos penetrantes, mas agora, finalmente, há silêncio.

O amanhecer se aproxima, uma névoa espessa serpenteando pelo canal. Ela só precisa continuar andando. Apenas continuar andando e a coisa ficará

quieta. Ela alcança uma fresta, onde edifícios ornamentados com janelas pontiagudas dão para o canal verde-jade. Quatro degraus levam até a água, que os lambe, sedutora.

Venha cá, ela chama. Venha cá.

A água é fria, mas mesmo tão cedo, em uma manhã de primavera, é refrescante. Ela agarra a criatura junto ao corpo e entra mais e mais fundo.

Isso. Claro que essa é a solução. É tão pacífico, tão calmo. A garota se inclina para trás e, tão fácil quanto respirar, afunda os dois corpos abaixo da superfície.

Mas a criatura, chocada com o frio, com a umidade, com a falta de oxigênio, irrompe. De repente, ela está com raiva, viva e novamente real, lutando contra a pressão.

Pare, só fique quieta, ela implora. Não demora muito mais. Agora falta pouco.

Mas a coisinha é uma tempestade de fogo furiosa, e ela não consegue segurá-la. Suas cabeças se erguem acima da superfície enquanto ambas gritam por ar e por vida.

A criatura aperta sua mão com mais força, agora. Não está gritando, está implorando enquanto, em algum lugar distante, uma única nota, elegante e longa, atravessa o ar. Ela tira a criatura da água, envolve-a em seu manto encharcado e corre.

As portas esculpidas gigantes da igreja Santa Maria della Fava estão abertas, aguardando os primeiros frequentadores da missa. A garota está encharcada, seus dentes batendo, a criatura quieta em seus braços à medida que ela cambaleia para dentro. Ela é recebida pelos passos rápidos do padre, o tump, tump, tap de seus pés pelo corredor.

— Prostitutas não são permitidas — ele diz, empurrando-a de volta na direção das portas altas de madeira. Suas vestes de seda bordadas ondulam com a brisa.

— Por favor... irmão — ela implora, abrindo sua capa para revelar a criatura em seus braços.

O rosto dele muda de desaprovação para desgosto. Ele a empurra de novo. Ela sente o chicote de ar quando a porta bate à sua frente e afunda

no chão, com as pernas abertas. Inspira, expira, outra pontada de dor percorrendo suas coxas.

O ar, ela percebe enquanto se encolhe, tem um cheiro doce. Uma mistura de manteiga, açúcar e farinha saindo de uma confeitaria próxima.

Seus seios estão latejando; a criatura começa a gritar novamente. A solução é simples. É instintiva. Ela já sabe o que fazer. Com uma mão apática, abaixa o vestido, expondo um seio nu. A coisa se agarra e começa a sugar.

A mulher que a encontra também já foi uma *cortigna lume*, uma prostituta de classe baixa que perdeu a aparência, mas manteve a resiliência. A garota acorda no chão da casa humilde da mulher, cercada por algumas almofadas e um cobertor. Há uma mesa pequena contra a parede e sobre ela uma caixa cheia de cartas de baralho. Recebe uma xícara fumegante de café. Ela a leva aos lábios, sopra suavemente e então toma um gole. O calor que penetra em seu corpo é quase suficiente para arrancar lágrimas.

A prostituta está abaixada agora, falando. Uma mão apoia a parte inferior das costas, a outra pega do chão um prato e uma xícara vazios que estão ao seu lado. Ela não olha para a garota enquanto fala.

— Você pode ficar aqui até se recuperar, e então você me paga de volta no final do mês. Eu posso te arranjar trabalho no meu antigo bordel. Eles vão gostar da sua aparência, quando sua flor cicatrizar.

O prato e a xícara batem um no outro quando ela se endireita. A prostituta aponta para a criatura com a xícara.

— Você vai levá-la para a Pietà. Daqui a duas semanas, quando estiver mais forte. Mas nem um momento a mais. Se ela ficar muito maior, não vai caber na janela.

— O que é a Pietà? — a garota pergunta calmamente.

— Eles vão criá-la lá, dar a ela uma vida boa. Ela vai ter educação, oportunidades. Eles até ensinam instrumentos às crianças. — Não é uma conversa e a prostituta não espera por uma resposta. Ela se vira e sai da sala.

A garota pisca, observando-a ir. Então há um arrulhar suave, um contorcer. Ela sente um inchaço por dentro e se prepara. Mas a dor não vem. Em seu lugar está algo mais forte, algo duradouro, algo bom. Ela olha para baixo para ver o que causou isso. E pela primeira vez, ela percebe que tem uma menina em seus braços.

A semana seguinte é a mais doce de sua vida. Ela observa a bebê começar a se concentrar, fixando-se em seus olhos e aprendendo que esta é a sua mãe. A garota a alimenta, a abraça, acaricia suas bochechas e limpa a saliva de sua boca. E embora elas não sejam mais parte do mesmo corpo, há uma compreensão basilar. Elas são, e sempre serão, parte uma da outra.

Ela respira o cheiro quente de leite da bebê e pensa no que quer dizer a ela um dia. Coisas que gostaria que alguém tivesse dito a ela mesma alguma vez.

Ela lhe dirá para correr. Ela lhe dirá para sonhar. Ela lhe dirá para deixar o que está dentro derramar. E quando sua filha perguntar, um dia, o que ela pode fazer com sua vida, o que ela pode ser, ela lhe dirá: qualquer coisa. Qualquer coisa que faça seu mundo arder em multicolor.

Três dias antes do prazo, a garota pega sua filha e suas moedas e atravessa a cidade. Com o pouco dinheiro que economizou ela vai comprar papel, um lindo papel veneziano, adequado para uma rainha.

O lojista funga sua desaprovação enquanto ela seleciona o melhor que pode pagar: uma folha grossa, cor de creme, marmorizada e com salpicos verdes. Ela entrega mais moedas do que gastará em comida para três dias, mas isso não a impede.

Uma placa acima da porta ao lado diz *Scriba*. Uma corda pende do centro de um sino de metal preto. Ela bate com ela contra a borda três vezes e um homem bonito, com mãos manchadas de tinta, responde ao seu toque.

— Escreva isto — ela diz depois de entrar, e ele transforma suas palavras em lindas voltas no papel. Ela o dobra cuidadosamente e o coloca debaixo da capa.

De volta à casa da prostituta, ela tira uma carta do baralho na mesa lateral e, usando uma pequena faca da cozinha, corta-a diagonalmente em duas. Ela desliza uma das metades por dentro das dobras do espartilho.

É madrugada novamente, uma hora que a partir de agora sempre significará dor para ela.

— Tem que ser hoje — diz a prostituta.

A garota enrola sua bebê no cachecol amarelo e sai para as ruas mais uma vez, levantando uma espessa camada de névoa a seus pés. As saias batem contra seus tornozelos à medida que ela corre pelo labirinto vertiginoso, o coração batendo forte em seu peito. Máscaras douradas nas janelas zombam dela enquanto ela passa. O animal dentro dela está alerta, a presa antecipando um ataque. Seus ouvidos estão mais afinados a cada espasmo e cada assobio, suas mãos envolvem de forma protetora a criança sob a capa.

Chegue lá rápido, não enrole, preste atenção. Esquerda, direita, direita, esquerda, direita. Ao primeiro som de perigo, corra, ela diz a si mesma. Corra.

Mas a jornada é silenciosa, e conforme ela se aproxima da Pietà a partir do beco lateral, ela se sente reduzindo a velocidade. Nunca saberá quanto tempo vai levar para dar esses últimos passos.

Ela olha para a janela, para o buraco na parede onde ela colocará seu bebê, essa parte dela, esse feixe de fogo e energia que a faz arder de orgulho. Essa criatura que implorou para viver.

Ela não consegue. Cambaleia para trás, segurando sua filha com mais força contra o peito, quando um gemido distrai sua atenção.

No chão, abaixo do buraco na parede, há caixas. Elas parecem estar cheias de pedaços de coisas, comida descartada e lixo, mas um barulho vindo de uma delas a atrai para mais perto. Ela abre a tampa da caixa e abafa um grito.

Lá dentro, uma criança azul de frio e coberta com os arranhões feitos por algum animal dá seu último suspiro. O bebê parece grande, grande demais para caber no buraco na parede.

Ela respira fundo e coloca os dedos no pescoço do bebê, mas não há pulsação. Ela fecha as pálpebras e, suavemente, cobre o rosto dele com um pedaço de tecido.

É tudo o que ela precisa ver.

Ela se levanta, dá uma última olhada para a filha e a desliza cuidadosamente para dentro do buraco na parede. Ela desliza a nota dobrada e a outra metade da carta de baralho para dentro do embrulho de cobertores. Ela a beija na cabeça, recua e toca a campainha. Então ela se vira e, sem olhar para trás, desaparece para sempre.

— Vá agora, querida — diz a nota —, e saiba que você foi amada.

Do outro lado da parede, o ritmo é diferente.

— Primeira do dia! — grita a Irmã Clara quando o badalo de metal bate na campainha. Ela corre para o pátio e, do buraco, puxa uma menina que se contorce.

— Quinze de abril de 1696 — ela instrui a Irmã Madalena, que está registrando os detalhes em um enorme livro encadernado em barbante, cheio de nomes.

Chiara della Pietà, chegou em 20 de fevereiro de 1687, com uma moeda e um bilhete da mãe. Paulina della Pietà, chegou em 29 de abril de 1695, com um tecido bordado. Ágata della Pietà, chegou em 4 de maio de 1695, com um poema e um ferimento na cabeça causado pela caixa.

A bebê é desembalhada, levada para uma bacia e lavada. Sua pele é verificada em busca de infecções, o pouco cabelo que ela tem é verificado para piolhos. Uma vara é colocada no fogo. Há um chiado, o cheiro ferroso de carne e um grito furioso. No lugar da vara, agora há um ‘P’, irritado e sensível, em seu braço esquerdo superior. O ferimento é enfaixado. Um padre a batiza. E então elas retornam ao arquivo.

A respiração do bebê é curta, assustada: ela está sofrendo de dor. Mas há expressão em seus olhos. Uma determinação furiosa.

— E como a chamaremos? — pergunta Irmã Madalena.

Irmã Clara olha para a criança, que segura seu dedo com a mãozinha. Ela aperta os olhos em concentração.

— Anna Maria della Pietà — anuncia, enquanto o bebê aperta com força. — Tenho um pressentimento sobre esta aqui.

Ela está em pé sobre um pódio, preparada para o momento. O momento da sua vida. Em breve, ela aceitará o diploma de *maestro*. Será, oficialmente, uma mestre da música.

Parece que cada respiração de Anna Maria a levou a isso. Como se cada escolha, cada batida, estivesse conectada. As luzes cegam, o calor irradia da plateia. Ela sente milhares de olhos adoradores, todos fixos nela. E o respeito. Tem um peso. Ele se move pelo ar, espesso, vivo e glorioso. Ela o suga para dentro de seus pulmões.

Então, uma risadinha.

Ela franze a testa, sai de sua imaginação e volta ao seu dormitório, onde o pódio é uma cama de madeira e seu diploma, um lenço.

— É meu dever e minha honra — Paulina, uma garota magra e com um queixo pontudo, retumba em uma voz baixa de zombaria — para... para...

Seu foco muda, o momento quase perdido.

— Conceder — Anna Maria sussurra pelo canto da boca.

Paulina engole a risada que borbulha dentro de si.

Isso pode parecer brincadeira de criança para alguns, mas não para Anna Maria. Porque há coisas que as meninas simplesmente sabem. Algumas sabem que seu espírito pode assolar como o fogo. Algumas sabem que o poder está à disposição. Algumas sabem que a morte chega cedo e é cruel. E algumas sabem que estão destinadas à grandeza.

Anna Maria della Pietà está destinada à grandeza.

Aos oito anos, ela sabe disso com tanta certeza quanto a corda conhece o arco, como o relâmpago conhece a tempestade, como a água conhece o céu. Ela *sabe*, como sabe que um de seus dedos do pé é torto, que a carne às quartas-feiras tem gosto de peixe e que a nota dó é verde. Isso, como tantas outras coisas, é uma certeza. Então, estar neste palco, com as mãos na cintura, aceitando seu título, é tão natural quanto sonhar.

Ela limpa a garganta, encorajando sua amiga a continuar.

O sorriso de Paulina desaparece. Ela assente. Séria.

— Para conceder este título à primeira, a única, Anna Maria della Pietà — ela brada.

Anna Maria sorri, atira as mãos para a multidão e depois, estendendo os braços para a frente do pódio, aceita o diploma graciosamente.

A multidão vai à loucura. Ela salta da cadeira no canto da sala, o sorriso iluminado enquanto aplaude. Porque hoje, como todos os dias, a multidão é a outra melhor amiga de Anna Maria, Ágata. Ela também tem cabelos escuros, mas é mais baixa e mais suave. Há gritos e aplausos quando Anna Maria se curva, repetidamente, seus cachos curtos bagunçados saltando sobre seus olhos. Ela desce do pódio e pega as mãos de sua fã.

— Toda a minha vida trabalhei por esta honra. *Grazie, grazie, grazie* — proclama Anna Maria.

Paulina está rindo, as bochechas coradas com dois pontos rosa. Um olho azul penetrante encontra o de Anna Maria. No espaço do outro há um buraco afundado, a pálpebra mal costurada, a carne amontoada e vermelha.

— Minha vez, minha vez — ela implora.

— Mais uma vez — Anna Maria fala, subindo de volta ao seu pódio, pensando em como pode melhorar seu discurso —, e então você terá sua chance.

Ao amanhecer, os sinos tocam na Piazza San Marco. Não são cinco minutos de caminhada do imponente edifício Ospedale della Pietà, cuja vista dá para a lagoa. Atrás das janelas com venezianas verdes, trezentas meninas órfãs já estão acordadas e trabalhando. Elas formam um fluxo repetitivo, uma após a outra, movendo-se pelos corredores, vestindo branco.

No quinto de cinco andares, Anna Maria está retirando a roupa de cama quando os tinidos roxos profundos inundam seus sentidos.

Si bemo!, ela pensa consigo mesma.

Deslizando a mão pelas barras, ela abre a pequena janela do dormitório. O ar fresco da manhã entra. Ela respira fundo, espiando por cima dos ladrilhos de terracota para ouvir o novo dia. Bem abaixo, alguém corre pelas pedras do calçamento. Há o barulho de uma carroça sendo puxada, o grito de um bebê, o latido de um cachorro. Mas o crescendo virá em cerca de uma hora, quando o mundo se derramará nas ruas e canais e Veneza estará viva novamente.

Primeiro vem a missa, que acontece na capela. As meninas entoam devoções para as irmãs.

Em seguida, vem o mingau, tomado no refeitório. Anna Maria bate a colher contra os caroços granulados em protesto. Depois, há as tarefas. Lavar, esfregar, costurar, passar, cortar, ferver, raspar e limpar. A liberdade vem depois das orações do meio-dia, todos os dias.

Quando as irmãs estão praticando seus hinos e salmos, Anna Maria foge. Sob a escada de pedra curva dois degraus de cada vez e invade o dormitório do sótão.

A cama range ao ser puxada para a direita. Ela sobe, mexendo na trava entre as venezianas que ficam atrás. Um som riscado e ela obedece, enquanto Anna Maria rasteja para frente em uma pequena plataforma de madeira. Antigamente, eles penduravam roupas ali. Mas quando uma tempestade a deixou rachada e coberta de farpas, acabou sendo esquecida. Agora eles usam a plataforma maior que fica do outro lado do prédio. Agora é tudo dela.

O sol inunda o rosto de Anna Maria; as tábuas rangem sob seus pés. Ela toma posição, juntando o avental de algodão manchado sob o corpo e cruzando as pernas sobre a madeira quente. Satisfeita, ela examina seu reino.

Em sua cidade, as estradas são feitas de água. A vida respira de todas as direções, energética, colorida e barulhenta.

Ela levanta as mãos para a orquestra, pronta para reger. É a deixa dos gondoleiros, que cantarolam uma melodia animada conforme deslizam pelas ruas estreitas. Deixa para os vendedores de frutas na praça, cantando “tâmaras por um *denari*, limões por uma *lira*!” É a deixa dos fabricantes de pentes, amoladores de facas, entalhadores de madeira e mais, cada grupo cantando uma melodia de sua autoria. É a deixa para a multidão que aplaude a dança dos palhaços, as gaivotas que gritam ao voar pelo céu. É a deixa para os fiandeiros que giram seus teares, os engraxates que lustram à beira da lagoa. É a deixa para os leiteiros que tilintam as garrafas de vidro ao carregá-las, e para as amigas dela no pátio, que gritam ao redor da árvore. É a deixa do homem cantando ópera no túnel à sua esquerda, e dos sinos ressoando *meio-dia!* da torre à sua direita.

E agora, a deixa das cores. Os azuis, amarelos, verdes e vermelhos, os roxos, laranjas, brancos e marrons. Um mundo em forma de caleidoscópio que explode diante de seus olhos. Tons e matizes fluuam, bem acima da cidade, pendurados como notas em uma pauta e combinando com os sons

abaixo. Então eles se misturam e rodopiam, um cardume de peixes, enquanto um sorriso ilumina seu rosto.

Essa menina tinha notas antes de ter palavras, e essas notas sempre tiveram cor.

Atrás dela, Paulina e Ágata se arrastam, aproximando-se uma de cada lado.

— Desculpe pelo atraso — Paulina diz. — Tivemos que repetir nossas bênçãos.

Ágata assente e revira os olhos.

— Bem-vindas à festa — Anna Maria anuncia, olhando para frente.
— Bem-vindas à minha República da Música.

Em 1704, a vida na Pietà é de contrastes. Estripar um peixe, dedilhar uma harpa. Esmagar um dedo do pé, tocar uma sinfonia num instrumento de cordas. Onde há dor e brutalidade, há música e canção. E há Anna Maria, Paulina e Ágata.

Não houve um momento de início, nenhum ato específico que as uniu. É exatamente como seria com um irmão. Eles estão simplesmente lá, presentes, sempre.

A cabeça de Anna Maria afunda no recanto do pescoço de Paulina. Ela envolve o braço de Ágata no dela. Quando Ágata vira a cabeça, uma marca do tamanho de uma palma é revelada. À direita, logo acima do pescoço, e côncavo como uma mão em concha. Alguns fios de seu cabelo liso caem sobre ele; a marca, propriamente dita, é careca.

— Um dia nós governaremos tudo isso — diz Anna Maria, olhando para sua cidade. — Governaremos realmente, de verdade. Não como agora. Não de faz de conta. Seremos a realeza musical de Veneza. Multidões cairão aos nossos pés.

— Estaremos cobertas de joias! — Paulina grita.

— Vamos viajar para Paris e Roma — diz Anna Maria.

— Vamos comer *frittelle* de creme o dia todo!

— E ninguém poderá nos dizer o que fazer, a não ser nós.

Ágata solta um pequeno gemido. Anna Maria a cutuca.

— Foi a *frittelle*, não foi?

O rosto de Ágata se abre em um sorriso torto. Ela concorda.

Elas só puderam comer as bolinhas de massa frita uma vez, uma doação que a Pietà recebeu durante o *carnevale*. Elas chegaram em uma cesta amarrada com fitas, o cheiro de casca de limão e massa doce emanando através do vime. As outras meninas rosnaram para elas como cachorrinhos perdidos, mas Anna Maria conseguiu pegar três antes que acabassem. Ela, Paulina e Ágata caçaram delas ali mesmo no telhado, os sorrisos largos em seus lábios cobertos de açúcar.

Anna Maria suspira, lembrando-se do sabor. Inclina-se para trás, seguida por Ágata e Paulina. Elas ficam olhando para o céu enquanto as nuvens volteiam acima delas.

O sol se move atrás de uma nuvem, sombreando a pele imperfeita de Anna Maria. Cicatrizes, da varíola de dois anos atrás.

— Você vai se livrar delas quando crescer e se tornar você mesma — diz a Irmã Clara. Mas Anna Maria já se sente ela mesma. Sempre se sentiu. E, de qualquer forma, a aparência dificilmente a interessa. Ali, todo mundo tem alguma coisa.

Paulina arruma seu avental, passando com as mãos os vincos que se formaram. Ágata olha para Anna Maria, esperando o que vem a seguir. Uma gaiivota voa e Anna Maria começa a chamá-la, até que Ágata está rindo e Paulina se junta aos grasnidos.

Então, Paulina se vira e pega a mão de Anna Maria.

— Gêmeas — ela diz, as palmas das duas mãos conectando-se.

Ela é tão pequena que às vezes Anna Maria se pergunta se o vento pode soprar do outro lado da lagoa e levá-la embora. Fios de cabelo loiro claro esvoaçam em seu rosto na brisa. Ágata se inclina sobre Anna Maria e cutuca Paulina.

— Tudo bem, trigêmeas — Paulina concede, rindo.

Os sinos tocam para anunciar que é uma hora, e Anna Maria se levanta de um salto. A tarde finalmente chegou. Elas têm suas aulas de música.

— O que é isso? — Anna Maria pergunta, entrando na sala onde *Signore Conti* está encostado em um grande instrumento, com tampa inclinada e pernas finas. É feito de madeira e decorado com espirais elegantes. Ela gosta do preto e branco das teclas. Mas não é um cravo, ela já tocou um desses antes. É maior.

— Boa tarde para você também, Anna Maria — responde ele, jogando para trás seus longos cachos dourados. Ele é alto e magro, com um maxilar quadrado e uma covinha no queixo. As pessoas dizem que ele é elegante; algumas das meninas mais velhas dizem que querem *tê-lo*. Anna Maria não tem certeza do que elas querem dizer e tem pouco interesse em descobrir. — É chamado de *fortepiano*. É a última invenção do *Signore* Cristofori. Em vez de um mecanismo de pinça interno, as cordas são batidas com um martelo. Ele dá ao músico um controle muito maior do volume, entende?

Anna Maria se levanta na ponta dos pés e, segurando as bordas de madeira, enfia a cabeça nas entranhas do instrumento. Ela nota as pequenas peças de madeira pairando acima das cordas, prontas para bater.

— *Signore* Cristofori gentilmente nos doou este instrumento. Devemos ser muito gratos.

— Eu quero experimentar — Anna Maria fala, agora com as mãos nos quadris, a barriga saliente.

Signore Conti a considera por um momento.

— Você terá uma oportunidade quando terminarmos com a flauta, se for bem. Mas primeiro, sente-se.

Depois da aula, ela fica perambulando, importunando até que *Signore* Conti desiste e a deixa experimentar o *fortepiano*. Ela passa os dedos sobre as teclas lisas e ele lhe ensina uma linha melódica que ela experimenta algumas vezes.

Agradável, ela pensa. Mas não é isso.

Como com a flauta e o oboé, que ela passou o último ano aprendendo, as cores de sua mente estão lá, mas são opacas e confusas. Não vai funcionar para seu plano.

Anna Maria della Pietà será a mais jovem integrante da *figlie di coro*, a orquestra mundialmente famosa do orfanato, e será *maestro* aos dezoito anos. O mundo saberá quem ela é. Eles a conhecerão como a maior musicista que já existiu.

Os corredores estão silenciosos quando Anna Maria finalmente sai da aula do *Signore* Conti. Ele diz para ela ir direto para o jantar, que ele informará às irmãs do porquê ela está atrasada mais uma vez.

Ela corre pelo terceiro andar, as solas gastas de suas botas batendo nas lajes de pedra com velocidade. As paredes são cinzentas, rachadas, os tetos baixos. Há uma janela gradeada no final, onde a luz do dia está desaparecendo com rapidez. Ela derrapa e se vira, alcançando a escada em espiral, então um som, penetrante e profundo, a detém bruscamente.

Segue o barulho, voltando pelo caminho até encontrar uma porta entreaberta. Olhando pela fresta, ela vê um homem, não muito longe da adolescência, com uma arfada de cabelo ruivo encaracolado na altura dos ombros.

Ele está de frente para uma lareira, vestindo um casaco marrom simples de caudas curtas e calças creme, iluminadas pelo brilho das chamas.

Em um braço ele segura um violino, no outro um arco que corre pelas cordas, contorcendo-se e saltando, agressivo e rígido. Possuído, certamente. Anna Maria deveria buscar o *medico*. Este homem precisa de um padre, mas seus pés estão paralisados: o som a mantém no lugar.

Em vez disso, ela estuda os dedos dele, o movimento das suas mãos. O arco voa para frente e para trás enquanto as cores da mente dela começam a fluir. Âmbar, dourado, cítrico e branco, prateado, ocre e roxo. Os tons passam rapidamente pelos seus olhos. Ela tem que segurar o batente da porta para se firmar. Ela nunca viu este instrumento tocado dessa forma. Nunca o ouviu expressando uma voz tão clara e brilhante que poderia estar cantando o próprio nome dela. *Como outro elemento*, ela pensa. Terra, ar, fogo, água. E agora isso.

Mas as voltas, as curvas. É demais. É assustador. Ela pensa em fugir, lançando seu corpo para longe daquele momento. É ainda assim, em algum lugar bem lá no fundo, uma tensão está diminuindo. Essas notas parecem familiares, o som, algo que ela conhece. As cores começam a se sobrepor até que uma paisagem se forma: montanhas verdes e flores roxas, luz do sol laranja, explosões de branco. Ela se move e balança diante de seus olhos. Sem saber bem a razão, ela enxuga lágrimas das bochechas.

Agora ela tem certeza de outra coisa. Precisa colocar as mãos neste instrumento.

Ela se esconde no pequeno depósito que fica em frente ao quarto em que ele está, com as costas pressionadas contra uma prateleira de velhos frascos de tinta, o dedo do pé na fresta para impedir que a porta se feche.

Inspira a poeira. Espera até que ele pare. Ouve o clique das fechaduras no estojo, o rangido da porta, o ruído dos saltos diminuindo. Ela irrompe da escuridão.

O violino está lá, o homem não.

Ela se aproxima de forma lenta e firme. Abre as fechaduras, revela o conteúdo deste baú de tesouro. O corpo brilhante, o arco longo e elegante, perfeitamente envolto em veludo. Sua respiração alivia quando uma sensação, quente e doce como açúcar derretido, corre por ela.

Estende a mão e desliza seus dedinhos pelo corpo do instrumento. A madeira é lisa e fria como uma pedra. Ela se inclina e chega mais perto, respira o cheiro de verniz e livros velhos. Sua boca se enche de saliva.

Ela enfia a mão sob o braço do violino, movendo-o com cuidado. Levanta-o de maneira importante até o queixo, assim como ele o tinha.

Seus dedos encontram as cordas, tentam imitar o aperto dele. Com grande drama, ela arrasta o arco da esquerda para a direita.

Um guincho terrível ecoa pela sala, seguido por uma série de guinchos curtos enquanto o arco desce pelas cordas.

Ordinário, ela diz a si mesma. Mas tenta, e tenta de novo.

Ela reajusta sua posição e...

— O que você está pensando? — Uma voz aguda atrás dela.

Seu estômago contrai. Lentamente, ela olha por cima do ombro.

Ele está parado no batente da porta, o cabelo vermelho como fogo.

— Coloque isso de volta, criança — ele diz, calmo —, e saia antes que eu faça você sair.

Jantar. Elas se sentam no refeitório, uma sala de pedra em arco no andar térreo da Pietà, com três longas mesas de madeira. Abaixo dos bancos, centenas de pares de pés em botas pretas remendadas, cortinados por saias de algodão branco. Há o barulho de pratos, o zumbido de conversas. (*Vou trocar a fita, mas é só isso... Devagar, você vai se engasgar.*)

Paulina está cutucando algo marrom em seu prato, semelhante a uma esponja, antes de tocá-lo, desconfiada, com a língua.

— O que pode ser isso? — ela pergunta, puxando a colher de volta e inspecionando seu conteúdo mais uma vez.

Anna Maria não a escuta. Ela está pensando nele, parado lá, observando-a enquanto ela corria para colocar o violino de volta no estojo. Seu joelho estremece sob a mesa.

— Anna Maria?

Ela pisca e coloca uma mão na perna para acalmá-la. Então se inclina, cheira a colher que Paulina está segurando, faz uma careta.

— Cérebros cozidos? — sugere.

Ágata a cutuca, balançando a cabeça em advertência. Mas é tarde demais. Paulina solta um uivo e todo o refeitório, cem ou mais alunas, se vira para olhá-las.

— Silêncio, menina tola. — Irmã Madalena faz cara feia, marchando de seu banquinho de madeira no canto. Ela é uma mulher grande, de costas salientes e mãos calejadas, e olha para cada uma das órfãs com um desdém aperfeiçoado, envelhecido como vinho ao longo dos anos naquele lugar.

Paulina deveria ficar quieta, mas não consegue evitar. Ela começa a ter ânsia de vômito. Salta da cadeira e corre por uma arcada de pedra até a cozinha. Mal chega à grande caixa de madeira no canto, onde eles depositam as cascas e restos, e vomita nela. O conteúdo da caixa, marrom e pungente, será despejado nas barcaças de lixo esta noite e levado para as fazendas que ficam além da cidade para adubo. Anna Maria ouvirá a buzina da sua cama, verá sua cor, saberá que nota ela representa.

Anna Maria e Ágata caem na gargalhada, mas a irmã Madalena lança um olhar de *estou avisando* e elas abafam o som. Rapidamente.

Quando Paulina retorna, está mais pálida do que o normal. Em seu prato, agora, há uma porção duas vezes maior. Sua mão se move, lenta, para cobrir a boca.

— Você vai comer tudo — avisa a Irmã Madalena, pairando sobre ela como um cheiro ruim. Lágrimas se formam nos olhos de Paulina. — Ou será a chibata. Voltarei para verificar.

Assim que ela sai, Ágata se inclina sobre a mesa e puxa o prato de Paulina em sua direção. Então ela se vira para Anna Maria, arregalando seus grandes olhos castanhos, articulando com os lábios: *Por favor?*

Anna Maria franze os lábios, olha para o lodo no prato. Algo parece estar serpenteando nele. Mas então ela vê Paulina. Rosto molhado, respiração trêmula.

— Nós dividiremos — Anna Maria bufa.

Ágata assente e, respirando fundo, pega uma colher. Paulina se levanta, corre ao redor da mesa e dá um beijo nas bochechas de ambas as meninas.

Anna Maria começa a mastigar lentamente, fazendo careta para algo cartilaginoso e fibroso em sua língua. Ela sintoniza em uma conversa entre duas garotas sentadas atrás dela.

— Mais uma? — sussurra uma delas.

— Ontem — a outra responde. — São três este ano.

— Você acha que foi... o corvo?

Anna Maria baixa a colher e olha para Paulina.

— Do que elas estão falando?

Paulina a encara por um momento.

— Há uma história... — Ela para, olha para a mesa, verifica se não estão sendo observadas. — Dizem que tem um homem. Uma criatura. Que ele vem buscar as meninas da Pietà à noite.

— Uma criatura? — Anna Maria toma fôlego.

Ágata, mastigando estoicamente, balança a cabeça. Ela engole antes de indicar com os lábios:

— *Não é verdade.*

— Eu disse que é uma história — Paulina diz, na defensiva. — Algumas das meninas estavam sussurrando sobre isso no dormitório. Sem dúvida, estão tentando nos assustar.

Seus olhos se movem rápido para a mesa, novamente.

— O que acontece quando ele chega? — Anna Maria pergunta.

Paulina tem um brilho nos olhos. Ela se move, Anna Maria se aproxima.

— A neblina chega primeiro. Ela desce em espiral pelo canal, submergindo tudo em seu caminho. Então, há um som. Um tchof, tchof, tchof. É um barulho que só as meninas mais velhas conseguem ouvir. Elas dizem que entra nos ossos delas.

O horror está se espalhando pelo rosto de Anna Maria. Os olhos de Paulina se arregalam.

— Elas acordam, levantam-se em um estado de meio-sonho, e caminham descalças em direção ao som. Quando chegam às portas do canal, elas ficam ali, congeladas, olhando para a água até que ele chegue. Ele está em uma gôndola, com uma lanterna balançando na proa. Seu corpo é humano, mas ele tem a cabeça de... — Ela respira fundo, ao que parece, assustada com

sua própria história. — A cabeça de um corvo. Olhos pretos e brilhantes, um bico longo e escuro.

Anna Maria está segurando o banco abaixo dela.

— Ele se aproxima em silêncio, exceto pelo tchof, tchof, tchof de seu remo na água. As meninas são puxadas para ele. Elas pegam a mão da criatura, pisam em seu barco e então...

Ouve-se um grito ao lado delas: uma menina rindo de algo que sua amiga disse.

— O quê? — Anna Maria pergunta. — O que acontece depois?

— E então ele leva a menina. A neblina se dobra sobre eles e, quando se dissipa, não há ninguém para ser visto. A última coisa que se ouve é o grito dela.

Anna Maria solta um suspiro, percebendo que estava segurando-o há algum tempo.

Ágata está batendo no antebraço de Anna Maria de novo.

— É só uma história.

Só uma história, Anna Maria repete para si mesma, tentando sorrir agora. Mas seu joelho começa a tremer sob a mesa, mais uma vez. Não é o tipo de coisa que a abalaria, normalmente. Ela deve estar mais nervosa, depois de ser pega com o violino. Ela solta um som, uma tentativa de rir. Mas, ao fazê-lo, seus olhos se voltam para a janela, para o canal que fica além. E é preciso cada grama de seu esforço para não levar as palmas das mãos aos ouvidos, para se recusar a jamais ouvir o barulho da gôndola na névoa.

3

O luar se instala sobre Anna Maria, escapando pela esquadria do telhado, acima das vigas. Ela fica deitada ouvindo os sons, mexendo com a maçaroca de cachos escuros cujas pontas fazem cócegas nas orelhas. Seu cabelo costumava chegar aos ombros, assim como o das outras meninas menores de quatorze anos, mas as irmãs decidiram cortá-lo bem curto, da altura de uma unha, quando ela ficou doente e ele ficou muito emaranhado para escovar. A irmã Clara olha para ele e suspira, todos os dias, reclamando que está desganhado como uma pena de corvo.

Três este ano, pensa Anna Maria, lembrando-se da conversa no jantar. Ela sente um arrepió percorrer seu corpo e puxa os cobertores um pouco mais para cima.

Irmã Madalena está andando de um lado para o outro no dormitório, verificando se todas as meninas estão dormindo, estralando os nós dos dedos em uma tentativa de aliviar o inchaço. Anna Maria odeia esse som, quer levar as mãos aos ouvidos, mas sabe que isso revelará que ela ainda está acordada. Rápida, fecha os olhos quando os estralos ficam mais altos.

Ela sente mãos grandes segurando a estrutura de madeira da cama. Um corpo se inclinando para a frente. Cobertas mexendo. Ela fica tensa.

Mas então as mãos somem, os passos vão desvanecendo. Anna Maria expira e se permite abrir os olhos mais uma vez.

Agora, irmã Madalena e irmã Clara estão no canto. Ficam engraçadas uma ao lado da outra, já que a irmã Madalena é tão grande e a irmã Clara é tão pequena. Elas rabiscam algumas notas em um bloco grosso, o mesmo de todas as noites. Quais meninas estão com problemas, quais estão doentes, quais tarefas cada uma terá pela frente amanhã.

Lavanderia não, pensa Anna Maria, *lavanderia não*.

Ao lado dela, Paulina assobia pelo nariz, dormindo como se estivesse mumificada. De costas, braços esticados para os lados, o branco do olho restante assustadoramente visível. Anna Maria sorri, observando-a agora. Pequena Paulina Coelho. Um apelido dado por causa da maneira como ela

segura as mãos apertadas no peito quando fala, a maneira delicada como ela mordisca sua comida.

Irmã Clara contou uma vez que os palacetes no campo têm ilhas inteiras cheias de coelhos. Centenas dessas criaturas aveludadas vivem em pequenos recantos gramados, cercados por fossos. Anna Maria achou que parecia o paraíso e ficou desesperada para visitá-los e fazê-los pular em seu colo. Depois, descobriu que eles são mantidos lá só até que estejam prontos para serem comidos. Ela viu a Cozinheira carregando uma caixa de coelhos vivos para a cozinha da Pietà, arrastando-os para fora um por um e imobilizando-os no chão. Viu suas pernas chutando, pouco antes do estalo.

Ágata está deitada na cama do outro lado de Anna Maria, os membros estendidos sobre as bordas do colchão. O estômago de Anna Maria revira ao ver a parte de trás de sua cabeça. Irmã Madalena diz que ela era grande demais para caber na caixa de doações. Que devem ter forçado a entrada dela. Que é por isso que ela nunca foi capaz de falar.

Além de Anna Maria, há outras cem meninas, contorcendo-se e se virando, roncando e fungando.

A respiração sai em espiral de sua boca e ela estremece. Ela não quer pensar na gôndola, no homem com a cabeça de corvo na popa. Ela afasta o pensamento dele, decidindo, em vez disso, repassar mentalmente os acontecimentos do dia.

Ela estava desafinada na aula de canto, isso precisa ser corrigido. E ela não conseguiu atingir a ressonância que esperava com a flauta. Ela tenta alguns exercícios de respiração, como o *Signore* Conti ensinou. Inspira por três segundos, expira por cinco, inspira por três, expira por... suas pálpebras se fecham.

Ela se inclina para trás, mas, em vez de atingir o colchão, sua barriga se revira e ela cai na água gelada. O choque penetra em seu corpo. Apesar de lutar, ela mergulha cada vez mais nas profundezas. Seus olhos se abrem. Prédios coloridos tremem acima dela, balançando ao som de uma música que é desacelerada e distorcida. Anna Maria estende os braços para a superfície ondulante, mas ainda assim é puxada para baixo... para baixo. Ela grita, bolhas irrompendo de sua boca, flutuando acima dela. Grita e grita e grita e grita e...

Está segurando a garganta, ofegante, sentada.

— Calma, respire. — Paulina está ao lado dela, acariciando seu braço. — É só mais um pesadelo. O quinto, esta semana.

Paulina a guia em direção à sua própria cama, levantando os cobertores ásperos e comidos por traças. Anna Maria sente o corpo magro da amiga se enrolar no corpo dela, como um molde.

A escuridão no dormitório parece gelada, sinistra, como se algo permanecesse perto delas. A gôndola flutua na mente de Anna Maria, com uma única lâmpada balançando na proa.

— Ele virá atrás de nós também? — ela sussurra, segurando as cobertas com força.

— Hum? — Paulina pergunta.

— O homem corvo. Ele leva todas as meninas?

— Dizem que são apenas algumas. E aquela música... — Ela faz uma pausa para verificar se Irmã Madalena não está se aproximando. — Aquela música oferece proteção.

— Como?

— Não sei. Talvez aquelas com habilidade sejam poupadas.

Anna Maria se agarra a essa ideia, segurando com força. Aquelas com mais habilidade estão na orquestra do orfanato. Ela encontrará seu lugar lá, assim como planejou, e estará a salvo desse monstro no escuro.

Aquelas com habilidade são poupadas, ela repete.

Ela desliza a mão na palma macia e pequena de sua amiga, o coração desacelerando ao seu toque. E esta noite, como todas as noites, é ali que ela finalmente cai em um sono agitado.

Uma brisa quente entra pela janela da sala menor de música, no corredor do terceiro andar. É grande o suficiente para caber uma mesa, uma fileira de cadeiras de madeira almofadadas e uma difusão de suportes de partitura. Anna Maria está sentada no meio do cômodo, as pernas cruzadas sob sua cadeira, como sempre a primeira a chegar para a aula. À sua direita, uma lareira com uma moldura de pedra. Atrás dela, a janela, aberta alguns centímetros, fixada com barras de ferro entrelaçadas.

Uma sombra paira no chão. Paulina e Ágata já deveriam estar ali. Ela quer contar a elas sobre como tropeçou no caminho para cá e...

Anna Maria sente seu estômago comprimir. Parado na porta, está o homem de cabelo ruivo e fraque marrom.

— Onde está o *Signore Conti*? — ela pergunta, antes que possa se conter. É quarta-feira, meio da tarde. É hora da aula de flauta.

Ele entra na sala, seus movimentos rápidos e rígidos. Ajusta as caudas do casaco, coloca a maleta em uma mesa lateral e abre as fechaduras com um clique. Ele não se vira, não olha para ela, não responde nada. As palmas das mãos dela ficam úmidas. Ela tem certeza de que uma punição a aguarda por entrar furtivamente em seu quarto, tocando no que não era dela. Mas de que tipo? E quanto tempo ele a fará esperar, se contorcendo, para descobrir?

O restante das suas colegas de aula começa a entrar. Paulina vê que o professor já chegou, solta um pequeno gritinho e corre até Anna Maria. Ágata chega momentos depois, limpando as mãos nas saias, deixando marcas sujas no algodão. É seguida por Cândida e Cecília, gêmeas que foram deixadas juntas quando tinham apenas algumas horas de vida. Elas estão, como sempre, de mãos dadas. A classe se acomoda em seus assentos, todas as meninas iguais em aventais brancos que são longos e feitos para esconder. Todas olham com curiosidade para o intruso.

— Sou seu novo professor — ele diz, indo em direção ao quadro-negro na frente deles. Há um tom estranho em sua voz, oscilante, como se estivesse tentando fazer com que ela soasse mais grave do que é. — Vamos aprender o violino.

Ágata e Paulina olham para Anna Maria. Apenas as meninas maiores de doze anos estavam aprendendo este instrumento. Até agora, não lhes tinha sido dada oportunidade.

Ele escreve seu nome, e pequenos pedaços de pó de giz caem no chão enquanto ele o sublinha duas vezes.

Anna Maria sente sua respiração parar. Ela já ouviu falar dele, é claro. Todo mundo já ouviu falar dele. Ele é um *maestro*, famoso em toda a República por tocar o violino de forma virtuosa. Veneza deve acompanhar. Famoso, arrogante, ela ouviu os outros professores sussurrarem. Anna Maria agarra a borda da cadeira. Ela irritou um dos grandes.

Mas ele não é o que ela esperava. Na sua cabeça ele seria mais alto, mais bonito. Em vez disso, seus ombros são caídos como se ele sentisse algum tipo de dor e, sem o violino, há uma fraqueza em suas mãos. Ele parece não saber o que fazer com elas.

Ela olha para as próprias mãos, depois olha de novo para ele. Coloca uma das mãos na bochecha marcada pela varíola.

— Hoje nós iremos... — Ele para, ofegante, e tosse várias vezes em um lenço simples antes de continuar. — Hoje nós dominaremos o básico. Como segurar o violino, como posicionar a postura, como tocar cordas soltas.

Ele é um pouco estranho. Mas isso não importa muito. Anna Maria o ouviu tocar. A velocidade surpreendente, o espetáculo de cores que ele pode conjurar. Este homem merece seu respeito. Ela sente isso com a mesma certeza e a mesma intensidade com que sente a vibração dos batimentos nas veias azul-claras em seu pulso.

Ela se senta ereta, concentrando-se. Quando ele diz, “como posicionar a postura”, ela ajeita a coluna, leva os ombros para trás, encolhe a barriga.

Seus olhos se voltam para o estojo onde está o violino dele. Confortável, elegante, esperando.

Há um arranca-rabo quando todas correm para o armário para pegar um instrumento. Cerca de vinte estojos estão espalhados nas prateleiras internas. Estão surrados e arranhados, pois são doações de benfeitores ricos que os usaram e depois descartaram. Ela faz força para pegar o menos danificado, mas ele é puxado antes que ela possa pegá-lo.

— Uma de cada vez, sem empurrar.

Ela se contenta com um violino da prateleira do meio, antes que esses também desapareçam. É mais claro que o instrumento dele e uma parte das crinas de cavalo no arco estão espetadas, mas ela ainda gosta da sensação quando seus dedos se fecham em volta do braço.

Agora elas estão novamente em fila, e ele caminha na frente delas. Ela absorve o aroma de pinho e incenso. *Como um padre*, ela pensa. Ela reconhece o cheiro da capela.

Ao chegar a Anna Maria, ele diminui o passo, permanecendo a poucos centímetros dela. Seu pulso acelera.

Ele inclina a cabeça em sua direção e, sem encará-la, diz:

— Largue o violino.

Ao lado de Anna Maria, Paulina se move para obedecê-lo. Ele bate palma uma vez, forte, e ela se levanta rapidamente.

— Você não — ele diz.

Anna Maria olha para ele.

— *Signore?*

— Largue. Agora.

Seu coração desliza para a garganta. Ela se vira e coloca o violino no assento atrás dela. A sala fica em silêncio.

— Mãos — ele diz, gesticulando para que ela se mova, para que fique atrás da cadeira e segure a tábua de cima.

Vai levar uma chibatada, ela sabe disso. Consegue sentir o ar ficando mais denso, o couro cortando essa massa, a ardência crua nos nós dos dedos.

Ele olha para ela, seus olhos frios e cinzentos como gelo.

— Esta menina acredita que está acima das regras. Que pode tocar, que pode pegar o que não é dela.

Sua mandíbula se fecha. A turma observa. Nem uma respiração cruza o ar entre eles.

— Você ficará aí — ele anuncia — e aprenderá seu lugar.

Ela não fala, mas não desvia o olhar dele. Não será a primeira a desviar o olhar.

Ele se move pelo grupo, ignorando Anna Maria e apertando as cravelhas de alguns dos violinos até ficar satisfeito.

— Agora — ele fala para o resto da turma — levantem seus instrumentos até o queixo, tendo o cuidado de manter o torso, isto é, seus músculos abdominais, rígidos. E posicionem suas mãos como as minhas.

Ele levanta o violino e desliza o arco pela corda mais grossa na direção descendente. O instrumento emite um som verde suntuoso, arrepiando os pelos dos braços de Anna Maria.

A turma está abalada, o ar está carregado de nervosismo. Alguns olhos se voltam para Anna Maria antes de seguir o professor, replicando seu movimento. Os violinos se fundem em um tom chilreante e incerto.

— Levem o tempo que precisarem com o arco, friccionando-o suavemente pelas cordas, como um pincel em uma tela. Sem movimentos bruscos.

O verde fica mais vibrante. Quente e fresco, ele ondula pela mente de Anna Maria.

— Bom. Agora coloquem o dedo indicador na corda mais fina. Isso é chamado de corda *mi*. Então, segurando o arco delicadamente, como se fosse o bico de um pássaro, friccionem a corda.

A turma segue esta instrução.

— Usem as pontas dos dedos, não deixem que eles se espalhem pelas cordas — ele orienta, ajustando as mãos de algumas meninas enquanto anda por entre elas.

Anna Maria olha para a direita. Ao lado dela, as cordas finas estão formando sulcos nos dedos de Paulina. Mas Paulina apenas pressiona com mais força, e Anna Maria percebe que com este pequeno ajuste ela obtém um som mais limpo. O movimento produz tons diferentes: um luminoso, um pálido, um escuro como azeitonas.

A respiração de Anna Maria está ficando mais pesada, mais profunda. Ela está se concentrando unicamente nas instruções e nas regras intrincadas do instrumento.

O professor explica que se elas colocarem o dedo indicador na ponta da corda mais grossa, a nota tocada é *lá*, que brilha em amarelo na mente de Anna Maria, mas que quando colocam o segundo dedo cerca de dois centímetros mais baixo na mesma corda, a nota tocada é mais alta, a *si*. O quarto dedo na mesma corda do instrumento toca a nota *ré*, que é violeta como uma cereja.

Naquele instante, Anna Maria percebe as infinitas possibilidades. Ela observa enquanto Paulina corre o dedo para cima e para baixo na corda, emocionada pelo fluxo multicolorido que jorra.

— Muito bom — ele observa, caminhando entre elas.

Anna Maria está completamente absorta, concentrada nos dedos de Paulina, em seu instrumento, seu som. Os nós dos seus dedos estão ficando brancos nas costas da cadeira.

— Muito bom, mesmo. Em breve, se vocês continuarem assim, serão capazes de fazer isso.

De pé na frente delas, ele levanta o violino até o queixo e move o arco para frente e para trás em uma das cordas. Ele segue com um intenso floreio de notas, seu cotovelo cortando ângulos no ar.

Anna Maria não consegue mais se conter. Ela se lança para o violino na frente dela, levanta a forma de madeira elegante abaixo do queixo. O prazer dessa sensação a faz estremecer. Uma extensão de seu próprio corpo.

Ela se atrapalha para encontrar a posição da mão, pressionando com força as cordas. Suas narinas estão dilatadas, seus lábios apertados pela concentração à medida que ela traça o rastro de cores que ele deixou. Vermelhos, amarelos, verdes e azuis. Vermelho, vermelho, azul, verde, azul, verde, azul.

Não há mais violino. Não há mais Anna Maria. Simplesmente cor, som e um sentimento, algo calmo e certo, de um corpo encontrando sua alma.

— Como ousa... — ele está dizendo, mas ela não consegue parar.

Dois passos até a cadeira dela. Ele a agarra pelo ombro, a palma da mão pronta para atacar. Anna Maria cambaleia, o violino escorrega de seu pescoço. Mas ela levanta o instrumento novamente. Está tocando porque isso é certo. O violino canta para ela com um som que é quente e suave como bálsamo. Ele precisa saber disso. Ele precisa ouvir.

As cores gritam pela sala. A parte carnuda do antebraço de Anna Maria dói, e pela primeira vez em sua vida ela está consciente dos tendões finos que correm do dedo médio até as costas da sua mão. Ela faz uma careta. Mas não vai se entregar. Não vai desistir.

Ela se prepara. Mas o golpe não vem. Finalmente, como se arrancada de um transe, ela para. Abaixa o violino devagar, para o lado. O silêncio é espesso e pulsa ao seu redor. Ela olha para a esquerda e para a direita. Todas as alunas estão olhando. E então seus olhos alcançam os do professor.

O mundo parece se dissolver naquele momento. Escala, sombra e espaço desaparecem até que não haja nada além dele e dela, congelados no tempo. O peito dele está arfando, mas seu rosto está vazio. Será raiva ou surpresa? Ela percebe que a tensão é boa. O fundo de sua alma estremece de excitação.

As palavras dele são tensas, contorcidas pela respiração.

— Chega. Aula encerrada.

Com essas palavras, ela é puxada de volta para a sala. E agora o medo chega. Ela está correndo para o armário, o coração batendo forte no peito.

O que ele fará com ela? O que ele tirará dela?

Ela está guardando seu instrumento entre o frenesi das colegas quando um clique a faz parar.

E a antecipação enquanto ela se vira, enquanto ela espera, poderia ser fatiada, mastigada e engolida inteira.

— Você não — ele diz, calmo. — Você fica.